

O jornalismo na mediação informacional no contexto da primeira onda da pandemia da COVID-19¹

Yasmim Helleen Cunha²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Orlando Maurício de Carvalho BERTI³

Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI

RESUMO

Este artigo reflexiona como o jornalismo media informacionalmente, quais seus desafios, faces e interfaces, notadamente em tempos de pandemia da COVID-19. Destaca-se, por meio de estudo teórico e bibliográfico o fenômeno abordado. Frisa-se que, mesmo com o fortalecimento do descrédito do jornalismo, o mesmo se reinventa, se refaz e tem sua parcela de importância, principalmente na elucidação das mediações de fatos e atos contemporâneos. No período pandêmico, notadamente na primeira onda, mostrou-se nevrálgico no processo.

Palavras-chave: Jornalismo; Teorias do Jornalismo; mediação informacional; pandemia; COVID-19.

Reflexões iniciais

Desde o ano de 2020 que há uma crescente sobre as mediações informacionais sobre a pandemia da COVID-19. Ao menos este século, foi até agora o período de maior turbulência e transformação da contemporaneidade. Sem dúvidas, traz desafios e caos, além de um marco histórico que culmina na maior crise sanitária que o mundo já presenciou. Ela afetou a tudo e todos, não só as nossas rotinas, mas a vida da sociedade em todos os setores. No Jornalismo, principalmente, essas mudanças foram bem sentidas, já que é ele o divulgador dos acontecimentos da cotidianidade. “A divulgação de informações sobre doenças costuma ter forte apelo, devido ao risco que representam para a vida das pessoas. Isso se exacerba nas epidemias” (FERRAZ, 2020, p. 274). O mesmo autor ainda complementa que:

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista. Mestranda em Estudos de Mídia na UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação Alternativa, Comunitária, Popular e Tecnologias Sociais da UESPI. Desenvolve pesquisas sobre tecnologias sociais e saúde. E-mail: yasmim.cunha.072@ufrn.edu.br

³ Professor, pesquisador e extensionista do curso de Bacharelado em Jornalismo da UESPI – Universidade Estadual do Piauí (campus Poeta Torquato Neto – Teresina – PI – e campus Professor Barros Araújo – Picos – PI). Jornalista. Doutor e Mestre em Comunicação Social pela UEMESP – Universidade Metodista de São Paulo, com estágio doutoral na Universidad de Málaga, Espanha. Líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação Alternativa, Comunitária, Popular e Tecnologias Sociais da UESPI. E-mail: berti@uespi.br

Nas pandemias, o contexto de imprevisibilidade que as caracteriza também representa, em termos jornalísticos, um atributo importante para a noticiabilidade de um acontecimento epidemiológico dessa natureza. Mais que uma epidemia, que já carrega em si uma forte carga simbólica, falar de pandemia nos remete à desordem causada pelo caráter acidental da doença em larga escala na população mundial, provocando mortes e afetando a rotina de cidades, estados e países (FERRAZ, 2020, p. 275).

Desde que foi anunciada a COVID-19, no primeiro trimestre de 2020, o Jornalismo, assim como a forma de se mediar as notícias e fatos cotidianos, sofreram mudanças, tanto de forma direta, como indireta.

No Brasil, a pandemia afetou não só o fator saúde, mas o fator político, assim como todos os outros fatores que englobam a sociedade e o nosso cotidiano. Por isso é impossível não citar o fator político, já que por diversas vezes ao longo da pandemia da COVID-19 ele ofuscou a principal pauta do momento e do mundo: saúde pública. André Rohde (2020, p. 16) explica que o Jornalismo, e conseqüentemente os jornalistas, precisaram ter ainda mais cautela e seriedade na hora de lidar com esses tipos de conteúdo, dados, e assuntos relacionados à pandemia, sendo assim, uma espécie de readaptação. “Quando interpretados de forma leviana os números podem corroborar teses que não são verdadeiras” (ROHDE, 2020, p. 16). Essa é uma das primeiras provas o quanto o Jornalismo (com maiúsculo mesmo) é cada vez mais necessário na contemporaneidade.

Além de todos os acontecimentos e conflitos que reforçaram o tema, estes fizeram com que o espaço da pauta global, a pandemia, ganhasse cada vez mais notoriedade, na imprensa, segundo Luiz Marcelo Robalinho Ferraz (2020, p. 276):

a pandemia da COVID-19 é um assunto novo, diferente das outras pandemias, a sua visibilidade teve larga escala potencial, pois a quarentena, uma das medidas adotadas para controlar a situação, ocorreu em dimensões globais, assim como, pelo fato de atingir a população geral, sem exceção alguma.

Não há como falar do Jornalismo neste início de terceira década do século XXI, no contexto da pandemia, sem percorrer um pouco de 2020 e sua régua imensa de grandes pautas polêmicas na imprensa brasileira, principalmente no período denominado como primeira onda da COVID-19. Ao longo do ano de 2020 foi possível presenciar episódios polêmicos do Governo Federal, tais como saídas e trocas repentinas de ministros da Saúde e da Justiça, além de inúmeros entraves com a Organização Mundial da Saúde (OMS), assim como divergências com a ciência, com a imprensa, omissão de dados ou pouca transparência na divulgação de informações, que em um momento de caos, seriam

essenciais para manter o eixo entre o Governo, a mídia e a sociedade, e assim andarem de forma conjugada e em busca de soluções.

O foco se mantém na constante divergência entre resolver tais conflitos, lidar com a polarização e a infinita batalha política que move o país.

Uns acreditam em teorias conspiratórias, outros tantos desdenham do perigo. Justamente quando o brasileiro mais precisava de informação de qualidade para se defender da doença e evitar muitas mortes, fomos mais uma vez inundados de mentiras e interpretações equivocadas e tendenciosas. Enquanto o vírus se espalhava por nossas cidades, perdemos tempo discutindo medidas, questionando estratégias, duvidando da ciência (ROHDE, 2020, p. 15).

Nesse contexto, vamos para o que de fato temos lugar e vez de fala: o papel e a mediação do Jornalismo diante da pandemia da COVID-19, notadamente no período da primeira onda, compreendido entre o primeiro trimestre de 2020 e o início de 2021.

A COVID-19 e o Jornalismo

A COVID-19, foi detectada pela primeira vez, na cidade de Wuhan, na China. A doença é causada pelo coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (Sars-CoV-2). No início de março de 2020, a OMS – Organização Mundial da Saúde – declarou a doença como pandêmica. No Brasil, o alarde sobre o problema começou em fevereiro de 2020. Em seguida, quase duas semanas depois, no dia 26 de fevereiro daquele ano, houve a confirmação do primeiro caso. No mês seguinte os casos já passavam de 2.000 e o número de mortes já ultrapassava sete dezenas.

O que parecia ser uma síndrome respiratória distante se tornou uma realidade sentida mais perto por cidadãos de várias do planeta, com sobrecarga nos sistemas de saúde e adoção de práticas sanitárias práticas sanitárias (isolamento, distanciamento social, quarentena ou bloqueio total). Nesse cenário, os relatos jornalísticos forma decisivos para dar ‘vida’ à Covid-19, devido a uma publicação diária sem precedentes por parte dos meios de comunicação (FERRAZ, 2020, p. 274).

A Organização Mundial da Saúde (2022) afirmou que 80% dos casos são assintomáticos ou com poucos sintomas e os outros 20% são casos em que os pacientes necessitam de atendimento hospitalar por conta da dificuldade em respirar. A curva exponencial da pandemia ocorreu crescentemente no país. Orlando Berti (2020b, p. 25) destaca que “mais cedo ou mais tarde, a COVID-19 chegou na vida e modificou a rotina de praticamente todos os quase sete bilhões e oitocentos milhões de habitantes na Terra”.

Afirmar-se que a crise sanitária ocasionada pelo novo coronavírus Sars-CoV-2 afetou todos os níveis da sociedade, transformando a vida cotidiana, impactando as áreas da saúde até a educação, da economia à política, e claro, o Jornalismo. Assim, diante desse longo período que a humanidade vem atravessando, é inegável não identificar o papel do Jornalismo diante das circunstâncias e de reconhecer esse papel e a forma como ele contribui com a sociedade contemporânea. É necessário também debater sobre o devido reconhecimento do público, já que os diversos acontecimentos advindos da pandemia da COVID-19 promoveram uma mobilização ainda maior do Jornalismo. Em tempos pandêmicos a mediação informacional é essencial para os esclarecimentos sobre as notícias que ocorrem no mundo, desenvolvendo como nunca seu papel social, sendo a transparência e a clareza que o público precisa. “Mais que uma epidemia, que já carrega em si uma forte carga simbólica, falar de pandemia nos remete à desordem causada pelo caráter acidental da doença em larga escala na população mundial, provocando mortes e afetando a rotina de cidades, estados e países” (FERRAZ, 2020, p. 275).

Na hora de noticiar, acompanhar, divulgar, e informar os acontecimentos advindos da pandemia da COVID-19, a base principal do Jornalismo é a credibilidade, a confiança do público, e assim a responsabilidade para com a sociedade se torna ainda maior. Cada informação repassada pode causar impacto, salvar vidas e auxiliar na tomada de decisões.

A credibilidade não é algo que se conquiste através de cursos superiores, ou de prática continuada; conquista-se com a confiança que as pessoas depositam em determinado ato, frase ou palavra. Isto é, a credibilidade é o resultado da percepção que uma pessoa tem de outra, em relação ao grau de confiança que deposita nela (SENA, 2013, p. 10).

Por mais que a nova realidade já faça parte do dia a dia de todos, os acontecimentos não cessaram, todos os dias há algo novo, um assunto diferente sobre a pandemia e como ela afetou, impactou, alterou o mundo e tudo e todos ao redor dele. “A Covid-19 explicitou nossa fragilidade enquanto seres vivos, escancarou a presença da morte em um contexto cultural em que as pessoas são, geralmente, despreparadas para lidar com a impermanência” (DI GIORGI; RAMOS, 2020, p. 23).

Sendo assim a pandemia também nos impôs uma série de condições radicais. Nos fez reforçar a seriedade com o nosso bem estar e com o do próximo, além de nos instigar a prestar atenção e refletir sobre tudo a nossa volta. Também gerou sensações de medo, ansiedade, pânico e a negação, que afeta principalmente o Jornalismo. Com o caminhar dos acontecimentos sobre a doença, o momento da fase inicial de novidade, e com a

incessante multiplicação dos casos, e de variantes, e tratamentos, assim como o descontrole da doença. Mas, o que o Jornalismo tem a contribuir e como contribui com essas discussões? Em que ele foi, e continua sendo, emblemático no processo de mediação informacional nesse tempo pandêmico?

Mas o que é Jornalismo? Pontos e contrapontos

Para Barbie Zelizer (2017) o Jornalismo é uma espécie de fenômeno que é visto de diversas maneiras, de forma frequente. É “um fenômeno complexo e de grande escala, cujo principal efeito é o exercício do poder, moldar a opinião pública e controlar a distribuição de recursos informativos ou simbólicos na sociedade (ZELIZER, 2017, p. 26, *tradução nossa*).

Assim, lembrando o que é o Jornalismo e para o quê ele serve, voltando ao ponto de partida, o Jornalismo e a pandemia, é possível notar que o novo coronavírus impactou todos as áreas da sociedade e a mediação informacional não ficou de fora, mas adquiriu ainda mais relevância e reforçou o seu compromisso social, principalmente na hora de tratar conteúdos sobre o novo coronavírus, envolvendo a saúde pública, a principal pauta da sociedade atual, como foi citado anteriormente. Ainda que elencar o que era o Jornalismo ontem, o que ele é hoje e o que ele será amanhã seja tão importante quanto discorrer sobre o papel dele diante da pandemia. Afinal ele se reinventou, mas as bases sendo tradicionalmente as mesmas, como escreveu Nelson Traquina (2005, p. 19) em pensamento do início deste século, mas ainda bem atual. “O jornalismo é a vida, tal como é contada nas notícias de nascimentos e de mortes, tal como o nascimento do primeiro filho de uma cantora famosa ou a morte de um sociólogo conhecido mundialmente. É a vida em todas as suas dimensões, como uma enciclopédia”.

Trazendo o Jornalismo para o contexto contemporâneo, ele deixou de ser apenas o intermédio da sociedade e adquiriu também a função de repassar instruções sobre como agir, quais cuidados tomar, como evitar a contaminação, sobre o desenvolvimento da doença e repassar em tempo hábil toda e qualquer nova informação e orientação sobre a doença. Muito se questiona sobre como fica o papel do Jornalismo em um contexto social como o de agora, já que a informação também, nesse momento de pandemia, assume o papel de preservar vidas.

O Jornalismo precisou mais do que nunca exercer a ética e a responsabilidade, e se reinventar dentro do novo cenário, que muda constantemente.

Na minha perspectiva, o jornalismo deve servir: informar de modo qualificado; investigar; verificar a veracidade das informações; interpretar e analisar a realidade; fazer a mediação entre os fatos e o leitor; selecionar o que é relevante; registrar a história e construir memória; ajudar a entender o mundo contemporâneo; integrar e mobilizar as pessoas; defender o cidadão; fiscalizar o poder e fortalecer a democracia; esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade (REGINATO, 2016, p. 233).

O Jornalismo atual, precisou adotar e seguir medidas rígidas de segurança, e ao mesmo tempo, continuar exercendo com o mesmo padrão de qualidade e confiança ao informar o público sobre todos os assuntos em meio à crise. Atualmente se encontra em constante transformação, já que muitos fatores moldaram a forma de como o público consome e divulga as informações, considerando que ele é tido como serviço essencial, sendo um importante agente durante a crise na saúde pública mundial, e, claro, um recurso fundamental para salvar e preservar vidas, já que a imprensa está desde o início colaborando com o combate à COVID-19.

A sociedade da informação potenciou o aparecimento de múltiplos meios de comunicação, que se acumulam, funcionando paralelamente, com características e públicos diferentes. Ou seja, o panorama mediático é agora mais complexo do que nunca. Se nos anos 1980 seria fácil criar, implementar e acompanhar a notoriedade de uma campanha de Saúde Pública nos media tradicionais, hoje percebemos que a existência de diversas plataformas online (blogs, redes sociais); a alteração de hábitos de consumo mediáticos (que substituem a televisão pelo tele móvel, por exemplo); a existência de um maior controle dos cidadãos sobre o tipo de conteúdo que querem receber (ou evitar, como acontece com a publicidade); e a pulverização dos produtores de conteúdo (que passamos a ser todos nós!) adensaram de sobremaneira a área da Comunicação da Saúde de âmbito social que se torna urgente que haja mais investigadores, articulados em equipas multidisciplinares, para realizar estudos cujos resultados se tornem efetivamente relevantes e úteis (ARAÚJO *et al.*, 2020, p. 209-210).

Alzira Abreu (2017, p. 10) explica que, de fato, mudanças ocorridas na imprensa brasileira nos últimos anos determinaram não só as mudanças estruturais, mas fez com que o Jornalismo se adaptasse a novos tempos econômicos, sociais, políticos e culturais.

Nelson Traquina (2008) afirma que o Jornalismo tem o papel primordial de fornecer a verdade absoluta, como um dever, uma obrigação a ser cumprida para com a democracia, já que a imprensa é tida como o quarto poder, ou até mesmo o contrapoder. De fato as mudanças da contemporaneidade corroboraram para as transformações do jornalismo atual, já que agora é exigido uma rapidez ainda maior na produção e divulgação da notícia, mesmo que isso ocasione pôr em cheque a credibilidade, que é um dos princípios essenciais do jornalismo, assim como a confiança na produção jornalística, as principais mudanças se encontram na adaptação do jornalismo ao mundo online e ao

real time se somando a intensidade e velocidade imposta pela esfera digital, que ganhou uma força ainda maior com a pandemia.

A pluralidade é um valor central e definidor do jornalismo, e a informação deve formar cidadãos mais esclarecidos sobre a diversidade do mundo. Essa função também ocupa um lugar de destaque no discurso de leitores (fica em terceiro lugar), indicando a percepção de que o jornalismo contribui para dar conhecimento às pessoas e possibilita o acesso a diferentes pontos de vista (REGINATO, 2016, p. 205).

Já Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004, p. 70) afirmam que a função primordial do Jornalismo é fornecer informação a sociedade para que assim elas sejam livres e capazes de se autogovernar, terem o poder e o direito de escolha, o que podemos observar de forma clara atualmente, como a sociedade tem interpretado as informações e as ações exercidas a partir delas. “É muito produtivo, e mais realista, entender a verdade jornalística como um processo – ou uma caminhada contínua na direção do entendimento – que começa com as primeiras matérias e vai se construindo ao longo do tempo” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 70).

David Merritt (2019, p. 129) explica que o Jornalismo deve exercer um papel que vai além de denunciar o que está errado, mas também mostrar formas de solucionar tais problemas, além de promover a participação da sociedade. “O jornalismo fornece informações compartilhadas e formas de discutir o que fazer com essas informações e, portanto, apoia a ideia de liberdade” (MERRITT, 2019, p. 129).

O Jornalismo desse início de terceira década do século XXI não tem mais o foco apenas em noticiar o problema, mas em ajudar a propor soluções, assim como tornar cada vez mais acessível a liberdade de interpretação, a participação da sociedade.

Para ter acesso a essa liberdade, são necessárias informações verídicas e de fácil compreensão. Alzira Alves de Abreu (2003, p. 26) reforça que a informação é um ponto fundamental para que a sociedade exerça de forma plena seus direitos, e é principalmente através do Jornalismo que a sociedade tem acesso as essas informações.

Com a premissa da objetividade, da imparcialidade, que essas informações que se tornam notícias devem conter, e claro, da imprescindível necessidade de sempre mostrar os lados que existem, que podemos perceber que o jornalismo vai muito além das notícias, por mais que seja necessário o jornalismo útil, coeso e racional, que some e agregue, é difícil fugir das dicotomias monopolizadas, das tendências ideológicas, dos poderes políticos e econômicos, dos governos em si, de todas as nuances, a corrupção e claro o

fenômeno das *fake news*. Nessa perspectiva, o Jornalismo sempre assume o papel da objetividade. “Quem consome as informações também o faz porque acredita que o produto jornalístico é o resultado de um trabalho comprometido, que condiz, pelo menos em algum grau, com a verdade dos fatos” (HENRIQUES, 2018, p. 257).

Com o tempo, o jornalismo vem percorrendo caminhos que levam a diversas transformações, tanto estruturais quanto funcionais, já que nesse cenário pós-moderno, há diversas perspectivas, no meio de tantas certezas como de fato saber o que é o jornalismo e qual a sua função diante de tantas mudanças?

Rodrigo Fracalossi Moraes (2020) explica que apesar de tantas mudanças, não podemos deixar escapar as brechas e as contradições que surgem diante das diversas transformações estruturais no jornalismo que se intitula, por muitas vezes, hegemônico.

A mídia se adaptou a nova era do digital, das tecnologias da informação e da comunicação e das velocidades frenéticas das relações de consumo dos produtos e até da maior efemeridade do que é mediado. De fato, o *like* ou o *retweet* parecem ser as mudanças mais significativas vistas de forma clara. Voltando para 2020 a pandemia fez com o Jornalismo, e conseqüentemente os jornalistas, se adaptassem a novas rotinas. Essas pequenas ações nas redes sociais, causaram (e ainda causam) grandes impactos na sociedade. As mudanças vão muito além de apenas da adaptação as essas tecnologias digitais, ou formas e formatos de se fazer e divulgar as informações, o que nos leva a contradição já que “a notícia é que busca o jornalista ou o veículo de comunicação de informação” (NEVEU, 2010, p. 62). O que gera diversos paradigmas, mas o foco do Jornalismo, apesar das mudanças estruturais e a reconfiguração da profissão no momento atual, o sentindo ainda é o mesmo: informar.

Uma das mudanças mais significativas do jornalismo atual, como citado superficialmente nos parágrafos anteriores, é do uso das redes sociais como principais aliadas. Ferramentas que auxiliam o jornalista da apuração até a divulgação da notícia, assim como ajudam a elencar o que pode ser ou não notícia de forma veloz. Durante o cenário caótico que estamos vivenciando, é algo a ser considerado como positivo, já que o Jornalismo ainda assume, sobretudo, o papel de organizar o caos informacional que a velocidade e o fluxo quase que instantâneo de informações que a sociedade vive e consome atualmente. Esses pontos ocasionam mudanças indiretas e negativas, pois com a rapidez que os fatos acontecem, e as informações se transformam em notícias, pontos bases do jornalismo são postos novamente em cheque. Já que diante de tanto material

para se noticiar, há menos tempo para selecionar cuidadosamente o que é uma prioridade na ordem de relevância das informações, ou seja, o é importante informar naquele momento, naquele espaço, contexto e local que está inserido.

De fato, “um os pontos fracos da participação do leitor na construção das notícias é a questão da credibilidade” (SILVA, 2011, p. 34). Ao mesmo tempo em que o jornalismo precisa também atingir o leitor, ou consumidor da informação (ou, mais modernamente destacando, o usuário) em diversos lugares e âmbitos, além de seduzi-los com narrativas, conteúdos e linguagens inovadoras e ainda sim, preservar a credibilidade e todos os pontos chave do jornalismo, exercendo fielmente a sua função de informar a população. A credibilidade, a noticiabilidade, a checagem, a apuração, a confiança e o compromisso com a verdade, têm de andarem em junções na corrida contra o tempo para a divulgação e, conseqüentemente, na conquista de audiências e públicos que as conjunturas contemporâneas exigem.

De forma clara, é como se quando a informação for ser divulgada pelo jornalista, ela tem de estar em todos os meios e ao mesmo tempo, podendo ser um ponto negativo, mas também positivo. Negativo, pois quando a mesma notícia chega a pessoas com crenças diferentes, causando assim interpretações distintas, haverá uma incompatibilidade dessa notícia e surgirão os questionamentos quanto a sua veracidade, já que as discussões atualmente giram em torno de egos, e do emocional e assim surgem divergências que confundem a população, baseadas em pré-conceitos e cortinas de fumaça.

Primeiro, as pessoas não funcionam racionalmente e sim a partir de emoções. As pesquisas mostram cientificamente que a matriz do comportamento é emocional e, depois, utilizamos nossa capacidade racional para racionalizar o que queremos. As pessoas não leem os jornais ou veem o noticiário para se informar, mas para se confirmar. Leem ou assistem o que sabem que vão concordar. Não vão ler algo de outra orientação cultural, ideológica ou política. A segunda razão para esse comportamento é que vivemos em uma sociedade de informação desinformada. Temos mais informação do que nunca, mas a capacidade de processá-la e entendê-la depende da educação e ela em geral, mas particularmente no Brasil, está em muito mau estado (CASTELLS, 2019, p. 1).

No Jornalismo não basta somente informar, é preciso discutir, compartilhar, procurar, o que gera uma convergência e ao mesmo abre espaço para a cultura da participação. Fernando Firmino da Silva (2008, p. 6) faz uma observação para esse fenômeno da instantaneidade junto da pressa da produção da informação, que gira em torno da qualidade da notícia, e da veracidade, como elemento principal. O autor cita que

há uma adoção de tecnologias móveis na produção jornalística com uma capacidade maior de processamento das informações, ou seja, instrumentos e plataformas de produção para edição e publicação imediata de qualquer lugar e que geram mudanças significativas no Jornalismo.

Portanto, o Jornalismo tem a missão, hoje, neste tão debatido, destacado, criticado, dicotomizado período, de levar informações sobre a atual situação da pandemia, para todos, de forma acessível e objetiva, ainda que boa parte da população se encontre isolada, tensa e desinformada.

Quais as faces, interfaces, mudanças, adaptações, consequências e debates da mediação informacional em toda essa conjuntura?

As faces e interfaces, mudanças e adaptações contemporâneas do jornalismo

No jornalismo contemporâneo muitas vezes é questionada a qualidade da notícia em detrimento da pressa em que ela é produzida. Os novos recursos e a tecnologia, possibilitam que o jornalista acompanhe e vivencie os fatos ao mesmo tempo em que produz o jornalismo. Assim, por diversas vezes o Jornalismo se vê em um cenário participativo, na qual o jornalista assume meramente o papel de avaliar, às vezes editar (se necessário) e divulgar com a rapidez pela informação na qual nos encontramos atualmente. O Jornalismo participativo ganha cada vez mais espaço.

Com a pandemia, essa vertente do jornalismo se mostra presente, já que a troca e compartilhamento de informações acaba criando comunidades ou grupos mais irmanados e com interesses mais convergentes, e mobilizando o público em prol das necessidades da sociedade contemporânea: ajudar, fazer a diferença, mobilizar.

Em um cenário na qual todas as profissões tiveram de se readaptar, o Jornalismo também procurou seguir a recomendação, para continuar exercendo seu papel de forma segura e eficaz, ainda que na linha de frente, correndo diversos riscos e com a carga de trabalho triplicada. O Jornalismo se tornou responsável por transmitir as informações indispensáveis para o público, de uma forma que qualquer pessoa possa entender a real situação que está acontecendo.

Em outras palavras, traduzir as pesquisas científicas e recomendações de especialistas das mais diversas áreas de forma correta, coesa e clara, ou seja, acessível, deixando a população ciente do real cenário da pandemia. A pressa na apuração e divulgação dessas informações foi sem dúvidas um ponto forte de impacto sob a rotina

jornalística, já que para lidar com informações tão delicadas é necessário tempo e estudo, mas ao mesmo tempo, a velocidade com que as informações sobre a pandemia chegam, fica difícil. O que pode ser considerado um ponto negativo, já que o bom Jornalismo, precisa, principalmente, nesse contexto pandêmico na qual estamos inseridos, reforçar a busca pela verdade, de forma independente e objetiva, respeitando os princípios éticos, mas sempre promovendo espaço para o debate. A democracia nos exige isso, é um direito ter um espaço público para discutir as questões que norteiam a humanidade, ou melhor dizendo, as necessidades.

A comunicação em saúde deve ser transparente, democrática e de acordo com os interesses da maioria, há que partir rumo à pluralidade de vozes e opiniões, não assumindo nada como certo e refletindo a visão de todos os quadrantes da sociedade. Em situações dominadas pela polêmica/conflito, há também que respeitar o princípio do contraditório, uma regra básica e indispensável da atividade jornalística, mas também da Ciência, campo que deve recusar qualquer tipo de dogma ou certeza, partindo sempre da premissa de que o erro é eternamente possível de acontecer (BUENO, 2006, p. 133).

O Jornalismo enquanto mediador da sociedade assume uma responsabilidade enorme em tratar questões envolvendo ciência e saúde, e as faces comunicacionais durante a pandemia comprovam isso, quando o assunto é ciência, saúde e a contribuição para o bem geral da sociedade, quanto mais informações, maior essa contribuição será, mas com a constante mudança de cenário, sem tempo para planejar, estudar, pesquisar, como fica o papel do bom jornalismo?

Juarez Bahia (1990, p. 19) afirma que “todos os meios pelos quais a notícia chega ao público são jornalismo”. O Jornalismo assume a condição de intermediário da sociedade, passando a ter também deveres. Para o autor, a imparcialidade, exatidão, compromisso com a verdade, autenticidade e credibilidade, são elementos indispensáveis para configurar a natureza do Jornalismo e justificar a sua existência e necessidade, que são critérios essenciais e que reforçam que o Jornalismo ganhou ainda mais relevância diante da situação pandêmica atual. Com o fluxo de notícias as quais a sociedade é exposta, notadamente durante esta situação pandêmica, quase uma verdadeira overdose noticiosa, o foco pode parecer estar apenas em noticiar a doença e não abordar todas as perspectivas da quais ela está inserida. Já que a pandemia afetou todos os setores, abalou todas as classes profissionais e mostrou que a informação enquanto notícia, salva, mas também prejudica, a exemplo disso temos as *fake News* (notícias falsas ou de grande

caráter duvidoso), que além de atrapalhar a divulgação das informações verídicas, causa um clima de desinformação somado a incredibilidade das notícias.

Notadamente a informação virou uma ferramenta de combate a pandemia, o Jornalismo durante esse período atuou mais do que nunca no seu papel de promover a interação e a mediação da esfera pública e da participação da sociedade em discussões sobre saúde e ciência, que devem ser temas acessíveis a todos.

A importância da comunicação na hora de refletir em espaços sobre saúde e ciência mostrou-se essencial no período pandêmico que estamos vivendo, a interação e união entre ciência, política, governo e imprensa se tornou algo que vai além da junção de poderes, mas uma necessidade, cada espaço, desde que a pandemia se expandiu e virou o foco das atenções, tornou-se complementar.

A COVID-19 é um assunto atual e que tem um impacto direto na vida de toda a população mundial, e por distintas e diferentes que sejam as realidades, o assunto está presente na realidade de todos, com a pandemia o jornalismo teve que se reinventar, e isso não se limita apenas as rotinas das grandes redações ou as formas de jornalismo tradicionais. Analisar, pesquisar e refletir sobre os desafios do Jornalismo e da Comunicação diante da maior crise de saúde pública do século XXI, é também uma forma de deixar documentado e registrado na história do Piauí, do Brasil e do Mundo a contribuição do Jornalismo para as gerações futuras, fora que é um tema, como já reforçado e refletido anteriormente, de extrema relevância para a sociedade contemporânea.

E o que é o Jornalismo se não um agente da sociedade?

Que tem como papel, ou função, informar, questionar e aproximar realidades, principalmente diante da situação na qual todos os seres humanos estão vivenciando, o isolamento social, e em um momento que toda e qualquer informação é de extrema importância, pois além de todos os papéis já citado, o Jornalismo assumiu mais um: preservar vidas. Como Juliana de Oliveira Motta (2016, p. 64) afirma, a cobertura de grandes acontecimentos, como a do novo coronavírus, muda totalmente a logística das redações, e como Orlando Maurício de Carvalho Berti (2020b, p. 33-34) questiona: o que a comunicação pode fazer? O que ela tem feito? Como o jornalismo tem atuado? Quais as novas perspectivas da comunicação no durante e no pós-pandemia?

O fato é, as novas faces comunicacionais influenciam diretamente as rotinas das pessoas, instigam e suscitam o interesse público, fazendo com que a temática seja o foco

principal das pautas jornalísticas e dos feitos comunicacionais. “O que os jornalistas fazem diariamente é organizar o mundo, procurando torná-lo mais compreensível. Por isso, há uma preocupação pedagógica no jornalismo que se legitima como o lugar de poder mostrar, de poder dizer e de poder analisar” (VIZEU, 2009, p. 80).

Nesse aspecto o Jornalismo possui uma tarefa primorosa de atingir a população em massa ou de uma maneira mais eficaz.

A pandemia impactou a vida dos brasileiros, marcou a história do Jornalismo e mudou os rumos do fazer Comunicação, ela envolve, saúde, política, e impacta diretamente a imprensa, é difícil falar de um dos três temas citados, sem mencionar os outros paralelamente ou até mesmo, juntos, é um processo desafiador, que instiga e que também causa reflexão, além do cuidado para com a sociedade.

Nesses aspectos, Orlando Berti (2020a e 2020b) acredita que esse processo está inserido no novo normal da Comunicação, e isso se dá pelo fato dela ser mais social, mais comunitária, e claro somando ao fato de estarmos mais conectados do que nunca, expondo nossos anseios, discursos e vivências nas redes sociais.

O Jornalismo tem cada vez mais procurado tornar o mundo compreensível, mas ao mesmo tempo, como é possível reproduzir o que acontece mundialmente quando tudo parece pesar? O que a comunicação pode e deve mostrar? O que deve ter prioridade na hora de analisar? O que legitima essas escolhas?

Quando nos deparamos com um vírus que muda e impacta tudo e todos ao nosso redor, como a Comunicação pode informar, instruir como agir, como prevenir e alertar sobre a situação do desenvolvimento do vírus, de forma que não altere a sua face principal? Como identificar o que é informação de opinião?

Francisco de Assis e José Marques de Melo (2016, p. 47) afirmam que a própria audiência, ou seja, o público, cobra dos veículos de comunicação a multiplicidade de formas e formatos, e que toda a produção da mídia possui uma variedade de intenções, objetivos e formas, mas com o mesmo propósito, o de se comunicar de forma clara e acessível com o público.

As informações acerca da pandemia da COVID-19 podem ser consideradas um conteúdo diferente até nas questões jornalísticas e comunicacionais, pois além de serem diferenciadas há uma variável de tempo e impacto, já que as notícias divulgadas sobre o vírus ontem, já podem não servir hoje, por exemplo, pois a única certeza de que a pandemia e coronavírus nos trouxe, é que não há certeza.

Apesar de o Jornalismo sempre lidar com o inesperado, ou seja, acontecimentos que não foram ou não estão planejados e que alteram bruscamente a rotina de produção e divulgação das mediações informacionais, a pandemia deixou de lado a sensação satisfatória do furo jornalístico. Quando se é descoberto algo novo sobre a pandemia, a sensação de medo e incerteza se torna maior que a satisfação que o furo de notícia proporciona, já que a descoberta pode impactar até a próprio jornalismo, e diante disso ainda há as mudanças estruturais dessa área que costumam esbarrar em questões de conjunturas, quebrando todas as expectativas, já que as vezes não há tempo para problematizar a repercussão das notícias de forma suficiente.

O Jornalismo durante a pandemia tem feito um verdadeiro malabarismo ao elencar e levar para o público os acontecimentos ao mesmo tempo em que eles acontecem, o fluxo de acontecimentos na situação pandêmica na qual estamos vivendo é surreal, enfatizando novamente essa questão, levando em conta que nem sempre a simultaneidade pode ser segura ou coerente, mesmo que a comunicação em tempos de grandes acontecimentos, para não falar tragédias, só faça sentido se for em tempo real, da forma mais direta e humana possível. A imprensa passou a ter que atuar com muito mais empatia e sensibilidade para com o público e isso pode e deveria ser considerada uma nova perspectiva do fazer comunicação diante do então, novo normal, “o novo, a evolução, a transformação e o encarar o diferente fazem parte da própria condição humana. Foi, e é assim, que nós evoluímos. Talvez a pandemia tenha potencializado esses diferenciais e novas situações” (BERTI, 2020b, p. 37).

Com tantas informações e dados importantes que podem afetar, impactar e principalmente preservar vidas, o jornalismo precisa redobrar o cuidado na hora de interpretar e lidar com esses conteúdos, precisava haver uma conjugação tênue entre o aprofundamento desses conteúdos, a contextualização, a coerência e a clareza, quando eles forem transformados em notícias a serem repassadas ao público.

Então podemos afirmar que diante de tantas mudanças, o Jornalismo na contemporaneidade, na concepção atual, está de fato reconfigurado? As notícias durante um evento global como a pandemia, carregam um peso social enorme, pois elas atingem todos, não importa se é sobre alguém conhecido ou não, todos estão interligados: quem se infectou com novo vírus, quem transmitiu, quem morreu, a família de quem se infectou, de quem morreu, os que estão ao redor, os que não estão. Todos. Talvez por isso a Comunicação e o Jornalismo tenham adquirido ainda mais relevância durante a pandemia,

pois para a maior parte da população, a imprensa foi e é a maior fonte de divulgação de informações e dados sobre o novo coronavírus, reforçando também o papel do jornalismo nos momentos de crise.

Assim como o que caracteriza as tantas narrativas jornalísticas, a forma e o jeito em como as histórias, em um momento como esse, são contadas, pois além das classificações básicas já citadas ao longo deste capítulo, as estruturas ditas formais, ou seja, objetivas, subjetivas, neutras, parciais e imparciais. As histórias também trazem à tona, sentimentos, emoções, sensações, vontades e desejos, necessidades de ações, atitudes, e principalmente, reflexões.

Muitas são as questões que estão girando em torno do Jornalismo, diante de tanto caos, há inseguranças, medos, descréditos, desconfianças, dúvidas, o público muitas vezes se encontra em posição de incerteza, já que apesar do protagonismo que o Jornalismo ganhou, muitos foram os pontos negativos que surgiram junto dessa luta contra o vírus, e contra a desinformação.

Nem sempre fica claro quando o Jornalismo está transpondo uma opinião ou quando ela está apenas mediando, já que há sim, infelizmente, a desinformação em meio a tantas informações, pois de um lado está o excesso de notícias, e excepcionalmente no Brasil, do outro lado há a falta de transparência das autoridades que fornecem as informações, e isso, em um momento na qual a voz da imprensa deveria ser potencializada, o antídoto para o vírus da desinformação e para as *fake news*, que tanto tem atrapalhado o exercício do Jornalismo comprometido com a verdade.

Ao mesmo tempo em que são muitas as interfaces do Jornalismo diante da pandemia, é necessário lembrar e pensar que há uma contribuição direta para com o futuro, pois a pandemia está evidenciando, contextualizando e aprofundando a realidade e as perspectivas da mediação informacional de notícias em âmbito mundiais.

Diante de todos os motivos, fatores e explicações acima, é possível entender o porquê a edição 2020 do Índice Mundial da Liberdade de Imprensa (RSF, 2020) afirmar que a década seguinte, será crucial para o Jornalismo. Esses dados mostram que a pandemia foi um importante fator de influência, pois ela expõe detalhadamente a realidade e as rotinas jornalísticas atuais em todas as partes do mundo.

O Jornalismo se mostrou ainda mais relevante, mas foi preciso se reinventar, sem perder a ética e a responsabilidade e encarar de frente os desafios e os medos, já que os profissionais de comunicação estão na linha de frente diariamente, em hospitais e

coletivas de imprensas, onde médios, especialistas, cientistas e colaboradores de diversas áreas se unem para ajudar a lidar e combater o vírus.

É preciso pensar em comunicação de forma que ela se reflita em ações, que possam, além de tudo, compreender esse marco e momento histórico da contemporaneidade, além de analisar e entender as possibilidades e perspectivas do jornalismo enquanto papel social que ele desempenha, e agente no combate da pandemia assim como porta-voz da sociedade através do compromisso com a verdade, e assim diante de um misto de negacionismo, medo, ignorância e muitas incertezas, o jornalismo se mostrou fundamental no combate à maior crise sanitária e social da história moderna.

Referências

ABREU, Alzira Alves de. **Desafios da notícia**: O jornalismo brasileiro ontem e hoje. Rio de Janeiro: FGV, 2017.

ABREU, Alzira Alves de. **Jornalismo Cidadão**. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos, v.1, n.31, 2003, pp. 25-40.

ARAÚJO, Rita; LOPES, Felisbela; MAGALHÃES, Olga; SÁ, Alberto. **COVID-19**: quando o jornalismo se assume como uma frente de combate à pandemia. Minho: UMinho Editora, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3RJvFoz>>. Acesso em: 24.mar.2021.

ASSIS, Francisco de; MARQUES DE MELO, José. **Gêneros e formatos jornalísticos**: um modelo classificatório. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 39, n. 1, 2016, pp. 39-56.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. São Paulo: Ática, 1990.

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **Quem cuida de quem cuida?** A rede de solidariedade de segurança do trabalho no combate e prevenção à COVID-19 no estado do Piauí. Uma utilização da comunicação audiovisual para o “novo normal”. IN: ALMAS, Almir; FEITOSA, Deisy Fernanda; KNIJNIK, João; LIMA, Daniel; OLIVEIRA, Lyara; RAMOS, Luís Fernando Angerami (orgs.). Pandemídia: vírus, contaminações e confinamentos. São Paulo: ECA-USP, Invisíveis Produções, 2020(a).

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **Quem cuida de quem cuida?** O Instagram e a rede de solidariedade e informação no combate à COVID-19 no Piauí. Teresina: EdUESPI, 2020(b).

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação para a saúde**: uma revisão crítica. 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/3aO4Xuc>>. Acesso em: 09.fev.2022.

CASTELLS, Manuel. **‘Vocês estão vivendo um novo tipo de ditadura’, diz sociólogo Manuel Castells**. Rio de Janeiro: O Globo, Rio de Janeiro, 2019.

DI GIORGI, Beatriz; RAMOS, Luís Fernando Angerami. **Somos o que produzimos?** Uma reflexão sobre a mídia em plena quarentena. IN: ALMAS, Almir; FEITOSA, Deisy Fernanda; KNIJNIK, João; LIMA, Daniel; OLIVEIRA, Lyara; RAMOS, Luís Fernando Angerami (orgs.). Pandemídia: vírus, contaminações e confinamentos. São Paulo: ECA/USP, 2020.

FERRAZ, Luiz Marcelo Robalinho. **Saúde e política na crise da COVID-19: apontamentos sobre a pandemia na imprensa brasileira.** Rio de Janeiro: Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, n. 14, v. 2, 2020, pp. 273-278.

HENRIQUES, Rafael Paes. **O problema da objetividade jornalística: duas perspectivas.** Amargosa: Griot – Revista de Filosofia, v. 17, n. 1, 2018, pp. 256-268.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir.** São Paulo: Geração Editorial, 2004.

MERRITT, David. **O Civic Journalism/Public Journalism examinado por um de seus criadores.** Curitiba: Revista Ação Midiática, n. 17, 2019, pp. 118-133.

MORAES, Rodrigo Fracalossi. **Prevenindo Conflitos Sociais Violentos em Tempos de Pandemia: garantia da renda, manutenção da saúde mental e comunicação efetiva.** 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3clibyZ>> Acesso em 14.mar.2021.

MOTTA de Oliveira, Juliana. **Cobertura ao Vivo em Televisão: o Improviso e o Testemunho em Situações de Tragédia.** Santa Maria: Anais do 5º Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação. Disponível em: <<https://bit.ly/3B35Vh8>>. Acesso em: 10.mar.2021.

NEVEU, Erik. **As notícias sem jornalista: uma ameaça real ou uma história de terror.** Brasília: Brazilian Journalism Research, v. 6, n. 1, 2010, pp. 29-57.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Dados e reflexões sobre a COVID-19.** Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/brasil>>. Acesso em: 11.mai.2022.

REGINATO, Giselle Dotto. **As finalidades do jornalismo: o que dizem veículos, jornalistas e leitores.** Porto Alegre: Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/140809>>. Acesso: em 24.mar.2022.

RSF – REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS. **Estamos entrando em uma década decisiva para o jornalismo e o coronavírus é um multiplicador.** 2020. Disponível em: <<https://rsf.org/pt/ranking-mundial-da-liberdade-de-imprensa-2020-estamos-entrando-numa-decada-decisiva-para-o>>. Acesso em: 28.mar.2021.

ROHDE, André. **Jornalismo e pandemia na TV.** IN: EMERIM, Cárilda; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska. **A (re)invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia.** Florianópolis: Insular, 2020.

SILVA, Fernando Firmino. **Jornalismo reconfigurado: tecnologias móveis e conexões sem fio na reportagem de campo.** Natal: Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008.

SILVA Letícia Flávia da. **“Webjornalismo Colaborativo ou Culto ao Amador?”.** Biblioteca OnLine de Ciências da Comunicação, 2011. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-leticia-webjornalismo-colaborativo-ou-culto-ao-amador.pdf>>. Acesso em: 06.mar.2021.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo: Unisinos, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional.** Florianópolis: Insular, 2008.

VIZEU, Alfredo. **O telejornalismo como lugar de referência e a função Pedagógica.** Porto Alegre: Revista FAMECOS, n. 40, 2009, pp. 77-83.

ZELIZER, Barbie. **What Journalism Could Be.** Cambridge: Polity Press, 2017.